

uma carta aberta da Pussy Riot

Nós, integrantes anônimas da Pussy Riot, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que nos apoiaram durante todo esse tempo, aos que pediram a libertação de nossas integrantes da prisão e aos que simpatizaram conosco e com a nossa ideologia. Somos muito gratas a todos vocês, e apreciamos e respeitamos profundamente todos que contribuíram para a campanha global da Pussy Riot neste momento difícil para nós.

Nosso esforço conjunto não foi em vão: Putin teve que se curvar diante da pressão da comunidade internacional e deixar Nadia e Masha livres. Assim, o dia 23 de dezembro foi uma real celebração para nós - o Dia de Liberação dos presos políticos e a real vitória da libertação de toda a Pussy Riot. Mas essa anistia, certamente, não é o fim de nossos sonhos. Nós pedimos justiça de fato: a completa abolição do veredicto e o reconhecimento de todo o processo criminal contra a Pussy Riot como ilegítimo.

Nós esperamos que a justiça seja restaurada no dia 21 de fevereiro - aniversário de nossa performance provocativa na Catedral do Cristo Salvador, com a música "Mãe de Deus, leve o Putin embora!".

Nós estamos muito contentes com a saída da prisão de Masha e Nadia. Estamos orgulhosas da resistência delas contra o duro julgamento pelo que tiveram que enfrentar, e pela determinação delas em continuar, de qualquer maneira, a luta que haviam iniciado durante o tempo em que ficaram nas colônias penais.

Infelizmente, para nós, elas estão tão empolgadas com os problemas nas prisões russas que esqueceram completamente de nossas aspirações e ideais: feminismo, resistência separatista, luta contra o autoritarismo e o culto à personalidade. Tudo isso o que, na realidade, causou suas injustas punições.

Agora, não é segredo que Masha e Nadia não são mais integrantes do grupo e que não participarão de ações radicais. Agora elas estão envolvidas em um novo projeto, agora elas são defensoras institucionalizadas dos direitos dos presos. E como se sabe, essa defesa é dificilmente compatível com afirmações políticas radicais e com trabalhos artísticos provocativos, que suscitam temas controversos em meio à sociedade moderna. Assim como a conformidade de gênero não é compatível com feminismo radical.

A defesa institucionalizada dificilmente pode proporcionar a crítica das normas e regras fundamentais que sublinham o próprio mecanismo da moderna sociedade patriarcal. Sendo uma parte institucional dessa sociedade,

tal defesa, dificilmente consegue ir além das regras estabelecidas por essa sociedade.

Sim, nós perdemos duas amigas, duas companheiras de ideologia, mas o mundo ganhou duas corajosas, interessantes, controversas defensoras dos direitos humanos, e combatentes pelos direitos dos prisioneiros russos.

Infelizmente, nós não podemos parabenizá-las pessoalmente por isso, porque elas se recusam a ter qualquer contato conosco. Mas reconhecemos a escolha delas e sinceramente lhes desejamos sucesso em sua nova carreira.

No momento, nós testemunhamos uma colisão ultrajante: na medida em que Nadia e Masha são o foco da mídia e da comunidade internacional, elas reúnem multidões de jornalistas e pessoas atentas a cada uma de suas palavras, mas até agora ninguém as ouviu.

Em quase todas as entrevistas elas repetem que deixaram o grupo, que não são mais Pussy Riot, que agem em seus próprios nomes e que não se envolverão mais em atividades de arte radical. No entanto, as manchetes estão repletas de menções ao nome do grupo, todas as aparições públicas delas são declaradas como performances da Pussy Riot, e a saída pessoal das duas do grupo é tida como o fim de todo o coletivo. Ignoram o fato de que no púlpito e na Catedral do Cristo Salvador, não havia duas, mas cinco mulheres

vestindo balaclavas, e que na performance da Praça Vermelha, havia oito participantes.

A eclosão desse mal-entendido se deu a partir da afirmação pública da Anistia Internacional de que o discurso de Masha e Nadia num concerto no Barclays Center em Nova Iorque como a primeira performance legal da Pussy Riot. Performance cujo pôster, em vez de conter os nomes das duas, mostrava um homem vestindo uma balaclava e segurando uma guitarra sob o nome de Pussy Riot, enquanto organizadores espertamente chamavam gente para comprar os caros ingressos.

Tudo isso é uma contradição extrema aos próprios princípios do coletivo Pussy Riot, uma vez que somos um coletivo separatista só de mulheres - nenhum homem nos representa, seja num pôster, seja na realidade.

Nós pertencemos à ideologia de esquerda anticapitalista. Não cobramos nenhuma taxa para que possam ver nosso trabalho artístico, todos os nossos vídeos são distribuídos livremente na internet, os espectadores de nossas performances são sempre transeuntes espontâneos, e nós nunca vendemos ingressos para nossos "shows". Nossas performances são sempre "ilegais", apresentadas apenas em locais imprevisíveis e públicos, não projetados para o entretenimento tradicional. Além de a distribuição de nossos clipes ser sempre através de canais de mídia irrestritos e livres.

Nós somos anônimas porque agimos contra qualquer culto à personalidade, contra hierarquias orientadas pela aparência, idade ou outros atributos sociais visíveis. Nós cobrimos nossas cabeças porque nos opomos à própria ideia de usar rostos femininos como marcas registradas para promover qualquer tipo de bens ou serviços.

A mistura da imagem punk rebelde feminista com a imagem de defensora institucionalizada dos direitos dos presos é prejudicial para nós como um coletivo, assim como é prejudicial para o novo papel que Nadia e Masha assumiram.

Finalmente, ouçam!

Desde que Nadia e Masha escolheram não estar mais com a gente, por favor, respeitem a escolha delas. Mas lembrem-se, nós não somos mais Nadia e Masha. Elas não são mais Pussy Riot. A campanha "Free Pussy Riot" acabou. Nós, como um coletivo de arte, temos o direito ético de preservar nossa prática artística, nosso nome e nossa identidade visual distintos de outras organizações.

Membros anônimos da Pussy Riot: Garadja, Fara, Shaiba, Cat, Seraphima e Schumacher

[Esta carta foi publicada em russo no livejournal da Pussy Riot no dia 06 de fevereiro

de 2013. Disponível em: <http://pussy-riot.livejournal.com/34528.html>. No mesmo dia, a carta foi traduzida para o inglês e publicada, primeiramente, pelo jornal britânico The Guardian. Esta tradução foi feita a partir do texto veiculado na versão eletrônica do jornal. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/feb/06/nadia-masha-pussy-riot-collective-no-longer>.]

Tradução do inglês por Flávia Lucchesi.